

LIBERDADE



Com texto
FILOSÓFICO

Professor Roberson Calegari



Liberdade, em filosofia, pode ser compreendida tanto negativa quanto positivamente.

Negativamente: a ausência de submissão; isto é, qualifica a ideia de que não existe independência do ser humano.

Positivamente: é a autonomia e a espontaneidade de um sujeito racional; elemento qualificador e constituidor da condição no comportamento e do mau comportamento dos humanos.

Agostinho de Hipona: liberdade da vontade (Livre arbítrio)

É do homem a faculdade de buscar ou não o Criador.

Se não o conhece, pela liberdade optou por ignorar-lhe a existência.

Se o conhece, pode negar-lhe livremente a presença pela faculdade da vontade que lhe assiste.

Se o conhece e aceita-o, ainda assim continua livre para deliberar sobre qual a melhor atitude a seguir, podendo, inclusive, agir contra seus princípios.

Descartes: Compreensão das alternativas

Age com mais liberdade quem melhor compreende as alternativas que precedem à escolha.

Dessa premissa decorre o silogismo lógico de que quanto mais evidente a veracidade de uma alternativa, maiores chances dela ser escolhida pelo agente.

Nesse sentido, a inexistência de acesso à informação configura-se enquanto impedimento na identificação da alternativa com maior grau de veracidade.

Montesquieu: *permissões legais*

Deve-se ter sempre presente em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proíbem não teria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder.

Spinoza: agir de acordo com a própria natureza

Para Spinoza, a liberdade possui um elemento de identificação com a natureza do "ser".

Nesse sentido, ser livre significa agir de acordo com sua natureza.

Diretamente associada a ideia de liberdade, está a noção de responsabilidade, vez que o ato de ser livre implica assumir o conjunto dos nossos atos e saber responder por eles.

(O homem aranha)

Leibniz: é a contingência, a espontaneidade e a reflexão da escolha

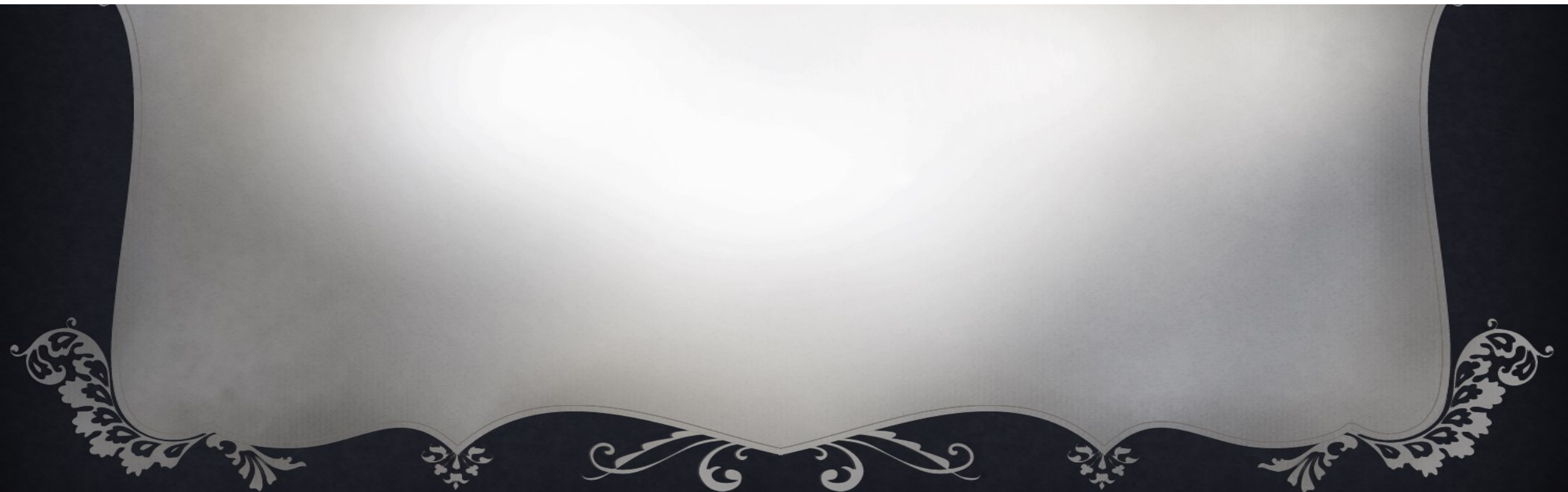
Para Leibniz, o agir humano é livre a despeito do princípio de causalidade que rege os objetos do mundo material.

"A ação humana é contingente, espontânea e refletida."

Ela é tal que poderia ser de outra forma e por isso, contingente.

Sempre parte do sujeito agente que, mesmo determinado, é responsável por causar ou não uma nova série de eventos dentro da teia causal.

Pode conhecer os motivos pelos quais age no mundo e, uma vez conhecendo-os, lidar com eles de maneira livre.“ **(MATRIX)**



Professor Roberson Calegato – Colégio Master

Schopenhauer: a ação humana não é absolutamente livre.

O homem é capaz de acessar sua realidade por um duplo registro:

1. o primeiro, o do fenômeno, segundo o qual todo o ser existente reduz-se, nesse nível, a mera representação.

2. no nível essencial, que não deixa-se apreender pela intuição intelectual, pela experiência dos sentidos, o mundo é apreendido imediatamente como vontade, **Vontade de Vida**.

O homem, objeto entre objetos, coisa entre coisas, não possui liberdade de ação porque não é livre para deliberar sobre sua vontade. O homem não escolhe o que deseja, o que quer. Logo, não é livre - é absolutamente determinado a agir segundo sua vontade particular.

Sartre: O homem é antes de tudo livre.

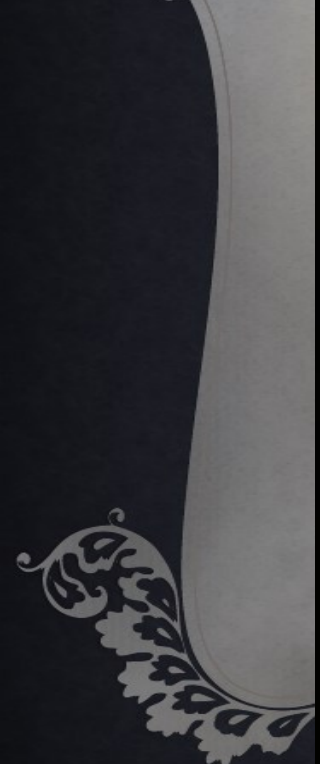
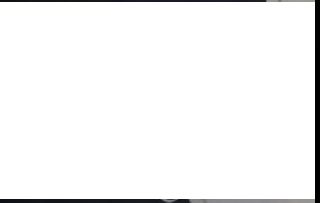
O tema da liberdade é o núcleo central do pensamento do filósofo francês.

Sua tese é: a liberdade é absoluta ou não existe. Ele recusa todo determinismo e mesmo qualquer forma de condicionamento. Assim, ele recusa Deus e inverte a tese de Lutero; para este, a liberdade não existe justamente porque Deus tudo sabe e tudo prevê. Mas como, para Sartre, Deus não existe, a liberdade é absoluta.

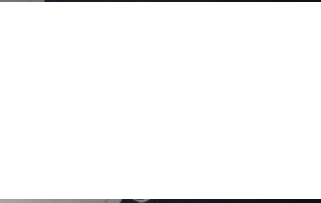
Qual é, então, o fundamento da liberdade? É o nada, o indeterminismo absoluto.

A liberdade humana revela-se na angústia. O homem angustia-se diante de sua condenação à liberdade.

(Limite Vertical)



**Limite
Vertical**



gio Master

Pecotche: é prerrogativa natural do ser humano
(consciência)

O homem já que nasce livre, embora não se dê conta até o momento em que sua consciência o faz experimentar a necessidade de exercê-la como único meio de realizar suas funções primordiais da vida e o objetivo que cada um deve atingir como ser racional e espiritual.

A liberdade é como o espaço, e que depende do ser humano que ela seja, também como ele, mais ampla ou mais estreita, vinculada ao controle dos próprios pensamentos e das atitudes. O conhecimento é o grande agente equilibrador das ações humanas e, em consequência, ao ampliar os domínios da consciência, é o que faz o ser mais livre.

Marx: expressão das condições materiais de existência

É a constante criação prática pelos indivíduos de circunstâncias objetivas nas quais despontam suas faculdades, sentidos e aptidões (artísticas, sensórias, teóricas...).

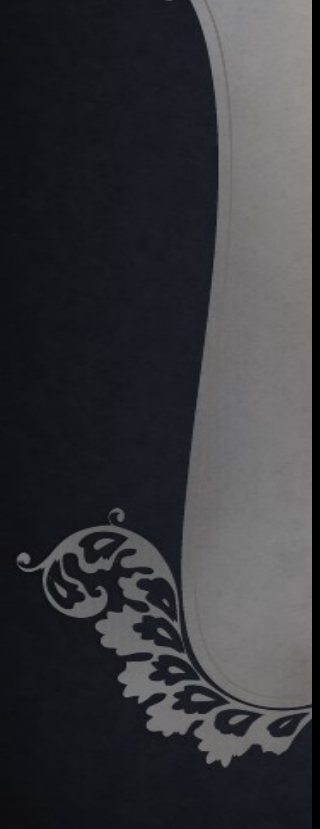
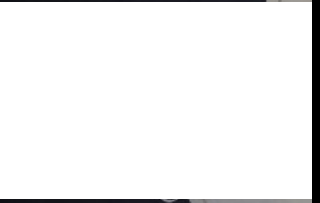
Para ele, a liberdade humana só pode ser encontrada de fato pelos indivíduos na produção prática das suas próprias condições materiais de existência.

Desse modo, se os indivíduos são *privados* de suas próprias condições materiais de existência, isto é, se suas condições objetivas de existência são *propriedade privada* (de outra pessoa, portanto), não há verdadeira liberdade, e a sociedade se divide em proletários e capitalistas.

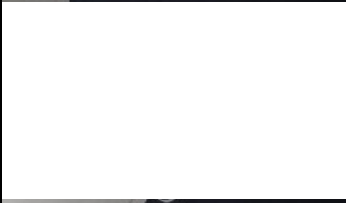
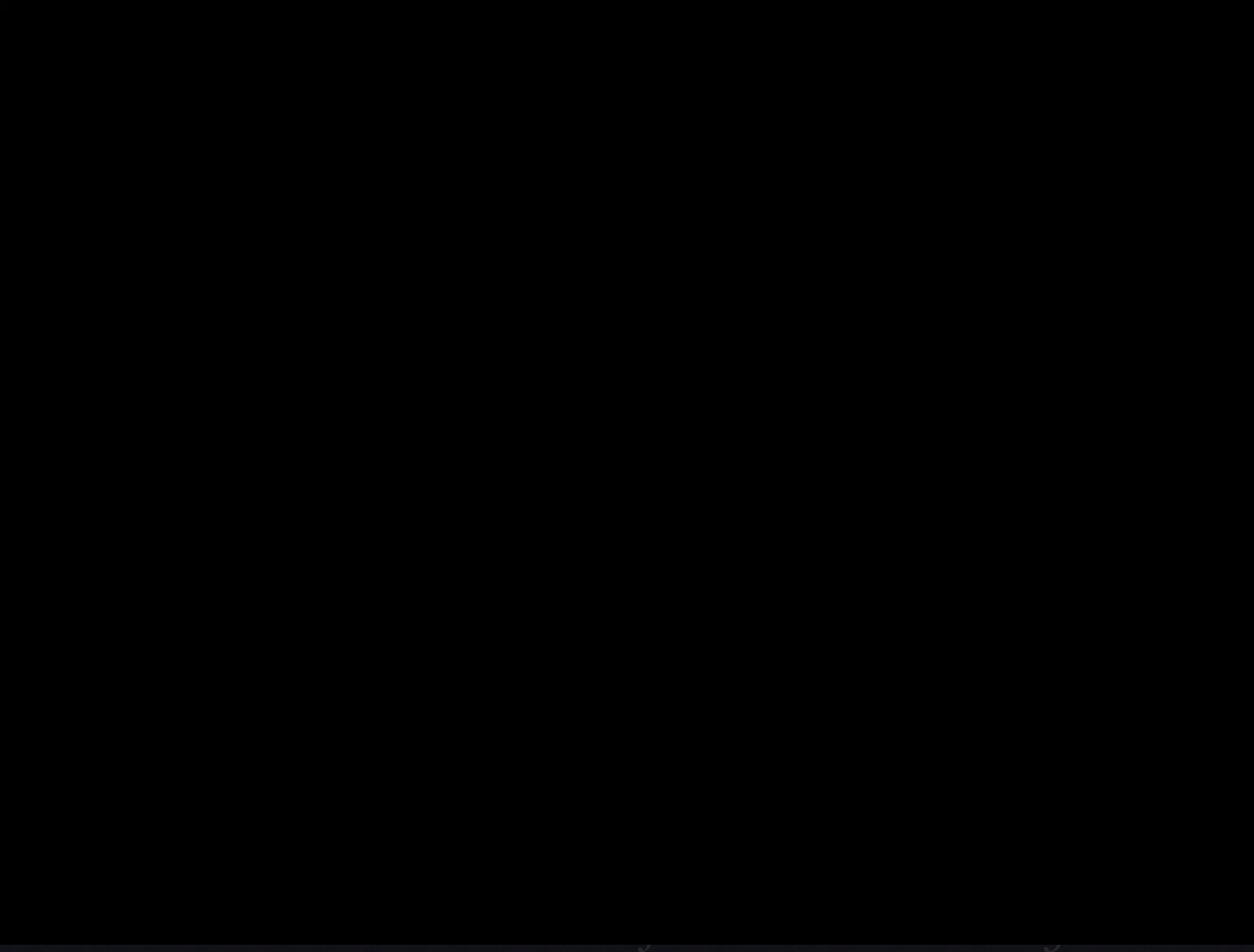
Mikhail Bakunin: é emancipação social

Não se refere a um ideal abstrato de liberdade, mas a uma realidade concreta baseada na liberdade simétrica de outros. Liberdade consiste no "desenvolvimento pleno de todas as faculdades e poderes de cada ser humano, pela educação, pelo treinamento científico, e pela prosperidade material." Tal concepção de liberdade é "eminente social, porque só pode ser concretizada em sociedade," não em isolamento. Em um sentido negativo, liberdade é "a revolta do indivíduo contra todo tipo de autoridade, divina, coletiva ou individual."

(HSBC)



HSBC



égio Master

Guy Debord: *é ilusória (pré-determinismo capitalista)*

Critica a sociedade de consumo e o mercado, afirmando que a liberdade de escolha é uma liberdade ilusória, pois escolher é sempre escolher entre duas ou mais coisas prontas, isto é, pré-determinadas por outros. Uma sociedade como a capitalista onde a única liberdade que existe socialmente é a liberdade de escolher qual mercadoria consumir impede que os indivíduos sejam livres na sua vida cotidiana. A vida se divide em tempo de trabalho (que é não-livre, submetido à hierarquia de administradores e às exigências de lucro impostas pelo mercado) e tempo de lazer (onde os indivíduos tem uma liberdade domesticada que é escolher entre coisas que foram feitas sem liberdade durante o tempo de trabalho da sociedade). Assim, a sociedade da mercadoria faz da passividade (escolher, consumir) a liberdade ilusória que se deve buscar a todo o custo, enquanto que, de fato, como seres ativos, práticos (no trabalho, na produção), somos não-livres.

Philip Pettit: Liberdade e Democracia

Parte de dois pontos importantes do debate filosófico acerca da liberdade:

- ✓ o tratamento simbiótico imprimido a liberdade da vontade e liberdade política;
- ✓ a tradição republicana de conceptualização da liberdade como não-dominação, posteriormente substituída pela percepção liberal desta enquanto não-interferência.

Inicia sua abordagem pela ótica da liberdade da vontade. Existe liberdade da vontade?

